

ENTRE-LUGAR LORCA, *DAQUI*

POR

BYRON VÉLEZ ESCALLÓN
UFSC

Em setembro de 2018, comemoramos os 120 anos do nascimento de Federico García Lorca. Acontecida na Universidade Federal de Santa Maria, essa comemoração tomou a forma de um simpósio, que tencionou não apenas reverenciar a memória e a obra lorquiana, mas também incrementar os debates referentes ao autor, ao seu entorno e a outras temáticas afins, desde a singularidade do nosso entre-lugar latino-americano.

No mesmo sentido, o simpósio não se restringiu à figura de García Lorca, mas também abordou autores da denominada “Geração de 27”, muitos deles exilados na América Latina ainda durante a Guerra Civil, ou no período da ditadura franquista. Com isso, buscou-se ampliar a reflexão acerca de um momento histórico de grande relevância tanto para a Europa como para a América, que teve como principal resultado a imigração e, consequentemente, um intenso fluxo de trocas culturais e intercâmbios de vária ordem. Muitos intelectuais espanhóis migraram para países como México, Brasil, Uruguai, Colômbia, Chile e Argentina e, a partir dos países de acolhida, continuaram a escrever e a publicar. Embora o vínculo com a Espanha não tenha sido cortado (e nem poderia, pois o exílio é sempre uma maneira da intimidade e do sentimento), certamente o exílio – no qual muitos faleceram – adquiriu valor preponderante nas suas escrituras. Muitas das comunidades espanholas da América Latina – dentre elas, a brasileira – originaram-se de iniciativas clandestinas de atravessar o oceano Atlântico à procura da sobrevivência, da própria vida.

Este dossiê apresenta alguns dos trabalhos que, surgidos desses debates de 2018, foram se desenvolvendo até julho de 2019, e se propõe, fundamentalmente, uma abordagem múltipla e situada, que constata a presença de García Lorca na América Latina, tanto nas literaturas hispano-americanas quanto na brasileira. O nosso é portanto um Lorca contemporâneo e urgente, e constatamos um fator-Lorca na cultura do continente, notadamente na brasileira (vejam-se os exemplos de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Paulo Mendes Campos ou Carlos Drummond de Andrade).

Reduzida à mera presença-presente, a noção de “contemporâneo” suporia uma perda de futuro, assim como uma alienação da sua pungência anacrônica – e isso equivaleria à mais negativa dimensão ontológica. Em contraposição a essa alienação temporal, o leque de discussões que propomos tenta apontar a precariedade de muitas das coordenadas culturais (e éticas, e políticas) que, no presente, muitas vezes se mostram incapazes de dar conta de diálogos, cruzamentos e contaminações transnacionais de que o exílio espanhol é apenas um exemplo. Quais seriam os desdobramentos do exílio para a cultura e para a sociedade na circunstância atual? De que maneira não sentir que o tempo de Lorca é nosso tempo, que seu peso é nosso peso, que sua ruína é também a nossa?

Ora, dado que constatar catástrofes é também seguir os índices da vida, queremos neste dossiê celebrar Federico, a sua vida póstuma entre nós. Com esse propósito Susana Scramim, convidada especial para este dossiê, em “A linguagem das flores. Federico García Lorca e Carlos Drummond de Andrade” aborda, e descobre, duas maneiras de encarar esse anacronismo que conhecemos como modernidade, isso principalmente através do trabalho tradutório do autor de *A rosa do povo* (1945) e de algumas das suas mais abertamente políticas intervenções no campo poético. Contrários e compadres, Drummond e Lorca compõem, na versão de Scramim, um painel em que a diferença se escreve como demanda do único não-desconstruível: a vontade de justiça.

Em “A verdadeira luta é com o Duende”, Raúl Antelo faz da mais célebre fórmula de *pathos* lorquiana o *paradigma* de um modo de questionar os modelos ou protocolos autonomistas, em benefício da abordagem multidisciplinar e do estudo das técnicas biopolíticas. Se o *paradigma* é um caso singular que constrói e torna inteligível todo um amplo contexto problemático, de que maneira poderíamos usá-lo sem torná-lo um universal? Isto é, de que maneira poderíamos pensar o *duende* – um *paradigma* da fantasmagoria moderna de acordo com o argumento de Antelo – sem instrumentalizá-lo ao modo de um modelo de leitura ou de erigi-lo em molde de um valor? O ensaio do conhecido teórico da literatura latino-americana, um verdadeiro painel, nos mostra com Lorca que o moderno é dança e contra-dança, tempo e contra-tempo, esperança e ruína, e que o universo é aqui, num *Aleph* não por acaso localizado na rua Florida N° 659.

Carlos Eduardo Capela, por sua vez, em “A demonologia disjuntiva de García Lorca”, encara a problemática da figuração em gestos poéticos com que, em *Poeta en Nueva York* (1940), Lorca elabora o inferno da modernidade, ou a modernidade como inferno. Pode a poesia encarnar, isto é, dar *carnação* e visibilidade, talvez abjetamente, a um *corpus* de sensações, emoções e pensamentos que prefiguram e contornam uma ausência? À maneira de um sismógrafo, e quase de um psicógrafo, Capela mede o caos/o espanto da cidade grande na poesia póstuma do nosso homenageado, fundamentalmente naquelas imagens que poderiam se apresentar através de mote diabólico: “meu nome é legião”.

Finalmente, Byron Vélez Escallón, organizador deste dossiê, em “Andaluz profesional”, aborda a potência do *duende* face às tentativas de captura que certa

filologia moderna elaborou para a poesia de Federico García Lorca. Com a finalidade de evidenciar essa potência singular, Vélez Escallón atrita *Juego y teoría del duende* (1933-1934) com a apolínea *Estrutura da lírica moderna* (1956) de Hugo Friedrich e, concomitantemente, evidencia o modo como o *daimon* lorquiano, e seus antagonismos, proliferam em alguns avatares da literatura e do pensamento da América Latina.

Agradecemos à *Revista Iberoamericana*, e especialmente ao sempre vigilante editor Juan Duchesne Winter, pela publicação deste dossiê. Para nós é uma honra e uma esperança sermos recebidos nessa prestigiosa casa em momentos de verdadeira angústia, do fundo da catástrofe obscurantista em que soubemos nos meter. Complementarmente, devemos a Diego Flórez Delgadillo os nossos agradecimentos pela tarefa generosa de revisão de todos os textos que compõem esta pequena constelação transatlântica –elaborada desde uma pequena ilha latino-americana outrora chamada com seu nome verdadeiro: *Desterro*.

Desterro (Florianópolis), agosto de 2019

